



## A ABORDAGEM CONTINGENCIALISTA DA LINGUAGEM EM RICHARD RORTY

Cleane Silva Rocha<sup>1</sup>  
Aldir Araujo Filho<sup>2</sup>

**Resumo:** Aqui será feito um reexame do primeiro capítulo de *Contingência, Ironia e Solidariedade*, do filósofo neopragmatista Richard Rorty, em que ele tematizou a questão da contingência da linguagem. Utilizando o pensamento de Donald Davidson, Rorty apresentou aí uma perspectiva contingencialista sobre a linguagem, isto é, afirmou que ela nasce do acaso e das necessidades do homem. Davidson, por sua vez, sustentou que a linguagem não é um meio de expressão e representação, por desconsiderar a ideia de que haja uma natureza intrínseca do eu ou da realidade, que a linguagem deveria exprimir ou representar. De Davidson, Rorty empregou ainda a ideia de “teorias provisórias” e a oposição “literalidade x metáfora”.

**Palavras-chaves:** contingência, linguagem, neopragmatismo, Richard Rorty, Donald Davidson.

### INTRODUÇÃO

Ao interpretar o mundo, em geral, a perspectiva da Filosofia tradicional trabalha (a linguagem, a cultura, a sociedade e etc.) a partir de fundamentos últimos, ou seja, julga possuir fontes de explicação e justificação para todas as áreas do saber, bem como para a forma como devemos conduzir nossas vidas. Nesta perspectiva está presente a ideia de natureza intrínseca, essência, que é preciso exprimir ou representar, seja através da mente ou da linguagem, visto que tais representações fazem parte de uma realidade permanente, imutável, verdadeira, que está esperando ser “descoberta”. Por outro lado, Rorty apresentou uma concepção anti-representacionista, ao nos propor pensar a filosofia a partir da contingência e não a partir dos fundamentos.

Rorty expôs tal perspectiva principalmente em suas obras *A filosofia e o espelho da natureza* e *Contingência, Ironia e Solidariedade (CIS)*. No presente trabalho, deter-me-ei no primeiro capítulo da segunda, que trata da questão da contingência da linguagem. O neopragmatista utilizou o pensamento de Donald Davidson para desenvolver sua perspectiva contingencialista da linguagem, ou seja, para sustentar que ela nasce do acaso e das necessidades do homem. Assim excluiu a ideia de que há uma natureza intrínseca do eu ou da realidade que a linguagem deveria exprimir ou representar, destacando que a linguagem não é um meio entre o eu e o mundo, e, sim que a mesma se desenvolve por meio de uma relação causal, em que os diversos vocabulários alternativos que se

<sup>1</sup> Graduanda em Filosofia. Universidade Federal do Maranhão. E-mail: cleanerocha\_gbs@hotmail.com

<sup>2</sup> Dr. em Filosofia. Universidade Federal do Maranhão. E-mail:



apresentam podem ser concebidos (parcialmente como) ferramentas, instrumentos para obter determinados fins.

Em CIS, Rorty apresentou também, a partir de Davidson, as “Teorias Provisórias” ou “Teorias de Passagem” enquanto possibilidade de comunicação entre as pessoas, sendo que isto ocorre apenas porque tais teorias possibilitam a convergência de perspectivas práticas entre dois indivíduos. Aí foi também enfatizada a distinção entre o literal e o metafórico, e mais de uma vez Rorty convocou as ideias de Davidson para participar da sua argumentação.

### **A SUPERACÃO DA IDEIA DE NATUREZA INTRÍNSECA**

De acordo com Rorty, há mais de duzentos anos a ideia de que a verdade era feita e não descoberta começou a ser difundida pela Europa, com a Revolução Francesa, em função das mudanças geradas nas relações sociais e instituições sociais. Quase simultaneamente, os poetas românticos não mediram esforços para mostrar o que acontece quando a arte não é pensada como imitação, mas como autocriação do artista: “Os poetas reclamavam para a arte o mesmo lugar na cultura que o tradicionalmente ocupado pela religião e pela filosofia, o mesmo lugar que o Iluminismo tinha reclamado para a ciência” (RORTY, 1994, p 23). Tal postura acarretou uma ruptura na filosofia, pois houve filósofos que aderiram a essa nova perspectiva e outros filósofos que permaneceram fiéis ao Iluminismo, à “razão” dos fundamentos.

O primeiro tipo de filósofo considera a ciência como uma descrição relevante, possuindo utilidade para determinados fins, assim como as descrições dos poetas e dos pensadores servem para outros fins importantes. No entanto, não existe uma interpretação onde tais descrições representem o mundo como é em si próprio, e por isso tais filósofos a veem como carente de sentido. O surgimento desse tipo de pensamento se deu, curiosamente, com as tentativas dos idealistas (e fundamentalistas) alemães Kant e Hegel de considerarem o mundo da ciência como sendo “feito” e não como algo a ser “descoberto”. Assim, de acordo com Kant, a ciência possui um âmbito de verdade de segunda ordem, por falar sobre um mundo fenomenal; já Hegel pensou as ciências naturais como uma descrição do espírito ainda não plenamente consciente da sua própria natureza espiritual.

No entanto, o empreendimento dos idealistas alemães não logrou êxito, pois pensaram que cabe à filosofia (considerada superciência não empírica e possuindo a verdade superior) descobrir a natureza intrínseca da mente, do espírito, das profundezas do eu humano. Enquanto que o mundo da ciência empírica era visto como possuindo um saber que é feito e conseqüentemente abrangendo a metade inferior da verdade. Por apresentarem tal perspectiva, isto é, de que ainda há uma natureza intrínseca, em vez de a negarem totalmente, estes filósofos não conseguiram desvencilhar-se da filosofia tradicional.

Para explicitar melhor a tese de que é preciso desconsiderar a ideia de que tudo possui uma natureza intrínseca, Rorty fez uma breve distinção entre duas proposições: a que fala que “o mundo está diante de nós” e a que diz que “a verdade está diante de nós”. Com relação à primeira, ele explicou que não fomos



nós que criamos o mundo; que para ele existir não é preciso que tenhamos consciência da sua existência, visto que grande parte das coisas presentes no espaço e no tempo não é determinada pela produção humana. Por outro lado, “dizer que a verdade não está diante de nós é simplesmente dizer que onde não há frases não há verdade, que as frases são elementos das linguagens humanas e que as linguagens humanas são criações do homem” (RORTY, 1994, p 25). Dessa forma, pode-se apenas falar da verdade enquanto uma propriedade de frases que descrevem o mundo (podendo ser verdadeiras ou falsas), frases que não existem de forma independente da mente humana.

Levar em consideração a ideia de a verdade está diante de nós é permanecer mentalmente estacionado num determinado tempo em que o mundo era pensado como um ser que tinha a sua própria linguagem. O neopragmatista destaca as dificuldades ao passarmos a falar de frases individuais para vocabulários inteiros. Para discorrer sobre frases individuais o autor cita alguns exemplos, entre eles as frases: “foi o mordomo” e “foi o médico”, segundo o autor deixamos que o mundo decida a competição entre elas, pois tal mundo possui os motivos que nos levam a termos justificção para defender determinada crença à tese de que existe um estado não linguístico do mundo ou que tal estado “torna verdadeira uma crença” por “corresponder” a ela. Por outro lado, ao deslocar a noção de “descrição do mundo” do nível de frases redigidas por um critério no interior de um jogo de linguagem para jogos de linguagem inteiros, “jogos que não escolhemos por referência a critérios, já não se pode dar sentido claro à ideia de que o mundo decide quais as descrições que são verdadeiras” (RORTY, 1994, p.26). Uma vez que é complicado pensar que há vocabulário encontrando-se diante de nós no mundo, esperando ser descoberto. Dessa forma, pensar que o mundo decida a respeito de jogos de linguagens alternativos é difícil, pois, como disse Rorty, se considerarmos:

O vocabulário da política ateniense antiga contra o de Jeferson, o vocabulário moral de S. Paulo contra o de Freud, o jargão de Newton contra o de Aristóteles, a linguagem de Blake contra a de Dryden – é difícil pensar que o mundo torna um deles melhor do que o outro ou que o mundo decide entre eles (RORTY, 1994, p. 26).

Isto acontece porque apesar de um determinado vocabulário nos permitir fazer previsões sobre o mundo, não quer dizer que o mundo fale a sua linguagem. Ele não fala linguagem alguma, apenas os homens falam. A conscientização de que o mundo não fala sobre quais jogos de linguagem devemos jogar não quer dizer que a escolha sobre o jogo que se há de jogar seja arbitrária. Mas também não quer dizer que essa escolha deva ser a expressão de algo profundo dentro de nós, ou seja, uma essência. Considerar a existência da essência é buscar critérios que nos digam quais os vocabulários que se adéquam a ela de forma necessária, e, por tanto, privilegiar *um determinado tipo de linguagem que se convencionou utilizar* para descrever o mundo ou nós mesmos. Porém, se por outro lado, como nos disse Rorty:



Alguma vez conseguíssemos adaptar-nos à ideia de que a realidade é indiferente às descrições que dela fazemos e que o eu humano é criado através da utilização de um vocabulário, em vez de, adequada ou inadequadamente, se exprimir através deste, estaríamos finalmente a assimilar o que havia de verdadeiro na ideia de que romântica de que a verdade é feita e não descoberta (RORTY, 1994, p. 27-28).

O autor faz tal afirmação, como já mencionado anteriormente, no contexto de sua argumentação de que as linguagens são feitas e não descobertas e que a verdade é propriedade das frases. Em Rorty, a imaginação – que os românticos consideram como a capacidade humana central, em vez da razão – foi apresentada de maneira mais discreta e menos “essencial”. Ele a via como apenas um talento para falar de outra maneira, isto é, para *redescobrir* qualquer coisa e, assim, fazê-la ganhar um aspecto positivo ou negativo. Portanto, com a redescrição operável por meio da linguagem, poder-se-ia criar pessoas de uma forma que não pensávamos ainda ser possível. Quando Rorty propôs que levemos em consideração a ideia de que não há uma natureza intrínseca, não quis dizer com isso, de modo fundamentalista ou essencialista, que “não existe natureza intrínseca”. Ele apenas propôs que tal expressão não oferece utilidade, apenas dificuldades.

Consequentemente, a filosofia que é interessante poucas vezes será a que examina os prós e contras de uma tese. Em vez disso, será a que procede por competição entre um vocabulário instalado que se tornou nocivo e um novo vocabulário incompleto que vagamente promete grandes resultados. Os políticos utópicos procederam dessa forma, fizeram redesccrições de diversas coisas de maneiras diferentes, até criarem um novo padrão de comportamento linguístico. Mas fizeram isto sem o apoio de critérios prévios, visto que na formulação de uma linguagem nova não existem critérios anteriores à mesma. Na abordagem contingencialista da linguagem de Richard Rorty, destaca-se ainda o uso da posição davidsoniana de rompimento com a concepção da linguagem como meio de expressão e representação, por que nela não se leva em conta a perspectiva de que o eu ou a realidade possuam naturezas intrínsecas, esperando serem conhecidas.

A perspectiva tradicional concebe um eu central como sendo capaz de contemplar as crenças e desejos e decidir entre eles, utilizando-os e exprimindo-se por meio deles. É que a imagem tradicional de linguagem como meio de expressão concebe os seres humanos não apenas *como redes de crenças e desejos*, mas como seres que as “possuem”. Em tal perspectiva, as crenças e desejos são tomados como criticáveis por não corresponderem à realidade e por não corresponderem à natureza do eu humano, respectivamente. Na perspectiva da moderna filosofia analítica da linguagem, tal concepção salvaguarda o quadro sujeito-objeto, já que houve aí apenas a troca da “mente” pela “linguagem”, permanecendo nos analíticas questões sobre linguagem da mesma



forma que os idealistas alemães levantavam questões sobre consciência. São questões tais como:

O *médium* entre o eu e a realidade é algo que os une ou os separa?”, “Deveríamos considerá-lo em primeiro lugar como meio de expressão – um meio de articular o que há de profundo no eu – deveríamos vê-lo em primeiro lugar como um meio de representação – um meio de mostrar ao eu o que se encontra fora deste? (RORTY, 1994, p. 32).

Rorty disse que a perspectiva da linguagem de Davidson é parecida com a de Wittgenstein, pois os dois filósofos abordaram os vocabulários alternativos como ferramentas alternativas em vez de peças de um *puzzle* (quebra-cabeças). Considerar vocabulários alternativos como peças de um *puzzle* é supor que há um metavocabulário que abarca todos os outros vocabulários, é dizer que os vocabulários alternativos são redutíveis ou dispensáveis. Ao desconsiderar tal hipótese das peças do *puzzle*, não haverá mais necessidade do levantamento de questões que são infrutíferas, tais como: Qual é relação entre linguagem e pensamento? A criação de um novo vocabulário ocorre quando dois ou mais vocabulários estão a entrar um ao outro, e isto se dá por tentativas de ensaios e erros. Tal criação não acontece por processos inferenciais (com premissas estabelecidas no vocabulário antigo), ou por encaixes de peças de um *puzzle*. Uma relação interessante seria a que se constitui com a criação de instrumentos novos que vêm tomar o lugar de instrumentos velhos. Por outro lado, é interessante ressaltar algumas dificuldades na analogia entre vocabulários e instrumentos. Enquanto que o artesão sabe, regra geral, o que deve fazer, antes de escolher ou inventar a ferramenta que utilizará, intelectuais como Galileu, Hegel ou Yeats não conseguiram dizer precisamente o que pretendiam fazer antes de desenvolverem a linguagem que seria criada. Até aqui foram expostos alguns argumentos relevantes para a tese contingencialista da linguagem em Richard Rorty. No próximo tópico, abordaremos como Rorty, para dar continuidade e coerência à sua perspectiva, utilizou a concepção de “teorias provisórias” de Davidson.

### **TEORIAS PROVISÓRIAS: A COMUNICAÇÃO OCORRE A PARTIR DE CONVERGÊNCIAS**

No texto “*A Nice Derangement of Epitaphs*”, Davidson desenvolveu o que designa como “teoria provisória” ou “teoria de passagem” acerca de ruídos e inscrições produzidos por um ser humano. Tal teoria recebe este nome por ser constantemente corrigida para abarcar tiques, ataques, lapsos, golpes de gênio, etc. Para explicitá-la melhor, o autor idealiza uma situação em que ele desce de paraquedas numa tribo estranha e tenta se comunicar com um nativo. Tal comunicação acontecerá apenas se as circunstâncias em que se encontram e as expectativas que farão um do outro coincidirem, ou seja, para se falar a mesma



linguagem temos que tender para convergir em teorias provisórias. A propósito, cito Rorty:

Dizer que duas comunidades têm dificuldades em entender-se porque as palavras que utilizam são muito difíceis de traduzir umas para as outras é apenas dizer que o comportamento linguístico dos habitantes de uma comunidade pode, tal como o resto de seu comportamento, ser difícil de prever para os habitantes da outra comunidade (RORTY, 1994, p. 37).

Assim, é perceptível apreender que a concepção Davidsoniana da comunicação linguística é indiferente à ideia da linguagem enquanto entidade terceira, como algo que acontece entre o eu e a realidade, bem como das diferentes linguagens como barreiras entre pessoas ou culturas. Davidson enfatizou em seu texto que não só pomos de lado a noção ordinária de linguagem como extinguímos a fronteira entre conhecer uma linguagem e sabermos orientarmos no mundo em geral. Visto que não existem regras para chegar a teorias de passagem que funcionem. Ressaltou ainda a negação da existência da linguagem, enquanto algo concebido a partir da suposição dos filósofos tradicionais. Rorty salientou que a perspectiva de Davidson acerca da linguagem é comparável à de Ryle e Dennet:

[...] segundo a qual quando usamos uma terminologia mentalista estamos simplesmente a usar um vocabulário eficaz – o vocabulário característico daquilo a que Dennet chama a “posição intencional” - para prever aquilo que provável um organismo fazer ou dizer em vários conjuntos de circunstâncias (RORTY, 1994, p. 37).

Davidson e Ryle foram considerados pelo neopragmatista como behavioristas não redutivos no que se refere às suas respectivas áreas de conhecimento. A comunicação que acontece entre os seres humanos por meio da linguagem se dá a cada instante, sendo elaborada constantemente pelos seus interlocutores. Dessa forma,

[...] dizer que é um utilizador de uma linguagem é apenas dizer que pôr a par os sinais e ruídos que faz e os nós fazemos é algo que há de mostrar-se ser uma tática útil na previsão e no controlo do seu comportamento futuro (RORTY, 1994, p. 38).

Rorty enfatiza ainda a perspectiva de Davidson, onde este torna as questões relacionadas a mente e linguagem com o resto do universo questões causais. Isso leva-nos a falar da história intelectual da metáfora.

## **LITERALIDADE X METÁFORA**

Ao discorrer sobre a metáfora, Rorty a trata como mais uma maneira de renunciar à ideia de que a mente humana ou as linguagens humanas sejam



capazes de *expressar* significados ou *representar* fatos. Pensar a história intelectual, abrangendo a história da ciência sem um *telos* é ver ambos como algo que apenas aconteceu e não como algo que funda o centro de todo o progresso. Assim, Davidson nos faz pensar a história da linguagem dessa mesma forma, isto é, “a linguagem da ciência e da cultura da Europa do século XX – como algo que ganhou forma como resultado de um grande número de puras contingências” (RORTY, 1994, p. 39). As metáforas velhas estão se extinguindo a todo instante e tornando-se literais. Retomando ainda a visão de Mary Hesse sobre as revoluções científicas como “redescrições metafóricas” da natureza, e não como intuições sobre a natureza intrínseca da natureza, Rorty chamou a nossa atenção para evitarmos pensar as redescrições da realidade feitas pela física ou pela ciência biológica atual como estando mais próximas das “próprias coisas” ou que são menos “dependentes da mente” do que as redescrições realizadas pela crítica contemporânea da cultura. A visão rortyana da história intelectual é compatível com a definição de Nietzsche acerca da “verdade” como sendo “um exército móvel de metáforas”, bem como se apoia na exposição apresentada anteriormente acerca de pensadores como Hegel, Galileu e Yeats, ao desenvolverem vocabulários que se assemelhavam a ferramentas para fazer coisas que não eram possíveis até então. Porém, para sustentar melhor sua argumentação, Rorty retomou mesmo a visão de Davidson acerca da distinção entre o *literal* e o *metafórico*. Trata-se de uma distinção entre *usos familiares* e *não familiares* de ruídos e sinais:

Os usos literais de ruídos e sinais são os usos que podemos abordar com as nossas antigas teorias sobre aquilo que as pessoas dirão em várias condições. O seu uso metafórico é aquele que nos leva a desenvolver uma nova teoria (RORTY, 1994, p.40).

Davidson, segundo Rorty, nega “a tese de que a uma metáfora está associado um conteúdo cognitivo que o seu autor pretende transmitir e que o intérprete tem de apreender se pretende receber a mensagem” (RORTY, 1994, p.40). Visto que de acordo com Davidson a metáfora não possui significado, não tem lugar em um jogo de linguagem, lançar uma metáfora em uma conversa é apenas produzir efeitos no interlocutor (interromper a conversa, mostrar uma fotografia, dar uma bofetada na cara do interlocutor ou beijá-lo).

Porém, com isto não se deve pensar que uma mensagem foi transmitida. Pois apesar de usar palavras familiares de maneira não familiares não se pretende dizer que elas possuem um significado, e, este por sua vez, se exprimiria apenas, através do uso literal das palavras. Entretanto, como a metáfora não é parafraseável, é inadequada para ser utilizada como possuindo um uso familiar. Como a metáfora não possui lugar fixo em um jogo de linguagem, ela não pode ser considerada verdadeira ou falsa. Em vez disso, ela pode apenas ser rejeitada ou aproveitada. Se for aproveitada, poderá ser repetida, difundida e conseqüentemente terá um lugar num jogo de linguagem. Por outro lado, ao ser aproveitada deixará de ser uma metáfora e se tornará



mais uma frase literal da linguagem, ganhando valor de verdade. Para destacar a importância desta questão, Rorty fez o contraste da abordagem da metáfora feita pelos platônicos e positivistas, por um lado, e a feita pelos românticos, por outro. Os primeiros veem a metáfora a partir de uma perspectiva reducionista, considerando as metáforas parafraseáveis ou inúteis para única finalidade séria que a linguagem tem, a saber, a representação da realidade.

Já os românticos adotam uma perspectiva expansionista, considerando a metáfora estranha, mística e maravilhosa, podendo exprimir, através da imaginação, uma realidade oculta dentro de nós. Nesse sentido, destaca-se a visão de Davidson, que não subscreve nenhuma dessas abordagens prévias. Ele trata a linguagem da mesma forma que concebemos a evolução: “novas formas de vida constantemente a matar formas de vidas velhas – não para alcançar uma finalidade superior, mas às cegas” (RORTY, 1994, p. 42). Isto é, a linguagem é uma ferramenta que por acaso pode funcionar melhor para determinados fins do que a ferramenta que se tinha anteriormente. Para finalizar a sua argumentação acerca da contingência da linguagem, Rorty apresentou também a perspectiva de Hans Blumenberg. De acordo com este, a necessidade de adorar algo que se encontrava para além do mundo visível é antiga. Assim, houve uma época em se substituiu o amor de Deus pelo amor da verdade, sendo o mundo da ciência considerado como quase divindade. Posteriormente, substituiu-se o amor da verdade científica pelo amor a nós mesmos, numa veneração da nossa natureza espiritual, considerada também como quase divindade. Rorty salientou que a linha de pensamento dos autores que utilizou recomendava que tentemos conseguir a chegar a um ponto em que não adoremos *nada*, em que não tratemos *nada* como quase divindade, e que consideremos *tudo* – a linguagem, a consciência, a comunidade – como resultado do tempo e do acaso, ou seja, como fruto da contingência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa sociedade a cada dia que passa nos defrontamos com situações inesperadas, acontecimentos que não prevemos. No entanto, agimos como se a cada instante fosse possível descobrir o que se sucederá, por achar que há um destino nos esperando e que a qualquer momento se concretizará. Isto acontece em função da herança de um pensamento tradicional, pautado em fundamentos. Por outro lado, a perspectiva contingencialista de Richard Rorty acerca da linguagem, tratando-a como produto do acaso, das necessidades do homem, nos faz pensar de uma maneira diferente, e nos impele a deixar de conceber o mundo como algo divino. Algo que, graças à “linguagem adequada” compreenderemos e que poderemos desvendar seus mistérios. Pois segundo o neopragmatista o mundo é indiferente das descrições que fazemos dele e que por si só não é nem verdadeiro nem falso, sendo assim apenas as descrições que fazemos dele.

A tese contingencialista da linguagem de Richard Rorty que apresenta as ideias de Donald Davidson ao longo do texto enfatiza que a linguagem não é um meio de expressão e representação do eu ou da realidade, uma vez que





desconsidera a ideia de natureza intrínseca, essência, que a linguagem ou a mente deveria exprimir ou representar. Consequentemente a linguagem é apresentada a partir de outra perspectiva, e segundo Rorty esta é parecida entre Davidson e Wittgenstein, pois ambos conceberam os vocabulários alternativos como ferramentas alternativas, no entanto há dificuldades nessa relação na medida em que o artesão sabe o que deve fazer, antes de escolher ou inventar a ferramenta que utilizará, enquanto alguns intelectuais não conseguiram dizer exatamente o que pretendiam fazer antes de desenvolverem a linguagem que seria criada. Assim a linguagem na abordagem rortyana nasce do acaso e das necessidades do homem.

### REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Flora M. T. **A concepção de contingência em Richard Rorty.** Dissertação (Mestrado em Filosofia). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

RORTY, Richard. **Contingência, ironia e solidariedade.** (Tradução de: Nuno Ferreira). Lisboa: Presença, 1994.